

FRAGMENTO DE UMA INSCRIÇÃO ROMANA DA HERDADE DO MONTE VELHO — OURIQUE

Por
Lúís COELHO

Nos últimos dias de Outono de 1971, o sr. Manuel Ricardo, do Monte Novo dos Moinhos, Aldeia de Palheiros, encontrou num pequeno cabeço da Herdade de Monte Velho um fragmento de uma inscrição romana. Visitámos o local onde a peça epigráfica foi encontrada, — trata-se duma elevação pouco acentuada, cupulada por um afloramento de xisto e aparentemente isenta de quaisquer outros vestígios de período romano.

A Herdade de Monte Velho, Aldeia de Palheiras, freguesia e concelho de Ourique, propriedade do laborioso lavrador sr. Manuel Jacinto, não é um nome novo na toponímia arqueológica portuguesa pois que, na década de cinquenta, a investigação do megalitismo da região de Ourique ⁽¹⁾, feita por Abel Viana e outros, levou ao reconhecimento

(1) Abel Viana, Ruy Freire de Andrade e Octávio da Veiga Ferreira, «Monumentos Megalíticos dos arredores de Ourique», in *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, XXXVIII Lisboa, 1957, pp. 409-419; Abel Viana, Ruy Freire de Andrade, Georges Zbyszewski, António Serralheiro e Octávio da Veiga Ferreira, «Contribuição para o conhecimento da arqueologia megalítica do Baixo-Alentejo», in *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, I, Lisboa 1958, pp. 197-213; Abel Viana, Ruy Freire de Andrade e Octávio da Veiga Ferreira, «O monumento pré-histórico do Malha-Ferro (Panóias)», in *Revista de Guimarães* LXX, Guimarães 1960, pp. 21-26; Abel Viana, Octávio da Veiga Ferreira e Ruy Freire de Andrade, «Descoberta de dois monu-

nesta herdade de três importantes monumentos funerários megalíticos, um dos quais foi explorado ⁽²⁾, tendo-se registado o aparecimento dum espólio mediante o qual foi possível afirmar: «O monumento (...) vem, portanto, preencher o elo que faltava para ligar os monumentos do sul da Espanha e Algarve com os do Alto Alentejo, no distrito de Évora.» ⁽³⁾



O fragmento da inscrição (caracteres avivados a giz)

mentos de falsa cúpula na região de Ourique», in *Revista de Guimarães* LXXI, Guimarães 1961, pp. 5-12; Abel Viana, Ruy Freire de Andrade e Octávio da Veiga Ferreira, «O monumento pré-histórico do Monte Velho (Ourique)», in *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, XLV, Lisboa 1961, pp. 483-492.

⁽²⁾ A. Viana, R. Freire de Andrade e O. da Veiga Ferreira, *O monumento pré-histórico Monte Velho (Ourique)*.

⁽³⁾ *ibid.*, p. 491.

A arqueologia romana tem, pode-se dizê-lo dum modo geral, uma fraca representação no concelho de Ourique. J. Leite de Vasconcelos assinalou vestígios romanos em Garvão (4), Fernando Nunes Ribeiro, na faixa ocidental, encontrou restos duma *villa* e escavou um cemitério (5), materiais romanos muito tardios e bastante duvidosos foram exumados por Abel Viana na fortaleza medieval de Nossa Senhora da Cola (6), o *C. I. L.* recolhe uma inscrição proveniente da região (7), e pouco mais. Nós próprios, que há já mais de três anos pesquisamos sistematicamente no Baixo Alentejo, pouquíssimos traços romanos temos encontrado neste concelho, uma dezena se tanto, e quase sempre inexpressivos pela sua pobreza, exiguidade ou má conservação (8).

Passando à análise do fragmento epigráfico:

Trata-se de um grosso bloco de xisto cinzento avermelhado (9), poroso e em degradação; não contém qualquer elemento de moldura ou mesmo vestígios de aparelho cuidado; os poucos caracteres que restam distribuem-se por quatro linhas numa superfície toscamente alisada.

Dimensões gerais:

do bloco — 32 cm × 48 cm de altura; 12 cm de espessura média da superfície epigrafada — 19 cm × 48 cm
altura média das letras — 6/7 cm

(4) J. Leite de Vasconcelos, «Antigualhas», in *O Archeologo Portuguez*, XIII, Lisboa 1908, p. 35r.

(5) Fernando Nunes Ribeiro, «Noticiário Arqueológico Regional», in *Arquivo de Beja XXIII-XXIV*, Beja 1966-1967, pp. 382-385.

(6) Abel Viana, *Nossa Senhora da Cola, Notas Históricas, Arqueológicas e Etnográficas do Baixo Alentejo*, separata do *Arquivo de Beja*, XVII, Beja 1961.

(7) *C. I. L.* II, n.º 98. Em 1968 apareceu uma lápide funerária que vem noticiada na p. 192 de *O Archeologo Portuguez*, Série III, II, Lisboa, 1968.

(8) Haverá certamente razões de ordem geográfica ou de ordem político-administrativa ou de ordem económica que justificarão o facto, porém apontar presentemente, num momento em que tão pouco ainda se sabe da questão, qualquer hipótese de solução parece-nos mera atitude de gratuidade precipitada.

(9) O tom avermelhado é devido à pátina; à superfície deve-se ter dado uma precipitação com algum componente químico do xisto como o ferro ou o chumbo.

de uma linha a outra — $2/3$ cm
 das letras da 1.^a linha — 6,5 cm de altura
 das letras da 2.^a linha — 6 cm de altura
 » » » 3.^a linha — 7,5 cm de altura
 » » » 4.^a linha — 8 cm de altura
 profundidade máxima dos caracteres — 3 mm

A análise do *ductus* do R (4.^a linha) revela os dois traços do segundo tempo, no seu desenho característico.

Pelo tipo de letra e pelo facto de estarmos diante de uma produção lusitano-romana, apenas podemos dizer, para aferição cronológica, que esta lápida é anterior aos fins do séc. II d.C., e, certamente, posterior ao fim da primeira metade do séc. I a.C.

Texto:



O interesse deste fragmento de inscrição, aparentemente tão pobre, está na 3.^a linha onde os caracteres que nos restam parecem, sem margem de dúvida, apontar, o antropónimo *Anceitus* que propomos na hipótese de leitura fazendo o seguinte restauro, entre outros possíveis mas com certeza menos prováveis:

[D(is) M(anibus)] · S(acrum)
 [...] [.....]i · F(ilio)
 [.....] [An]ceitus
 [frat]ri · F(aciendum) [C(uravit)]

Admitimos uma estrutura sintáctica muito simples e atendemos ao formulário comum dos textos das inscrições funerárias; *Anceitus*, em nominativo, comandou a redacção da 4.^a linha; na 2.^a linha, *I* pode ser entendido como abreviatura de *Ivlii*; na mesma linha é possível a alternância *filio/filia*; na 4.^a linha em lugar de *fratri* são possíveis, *patri*, *matri*, *sorori*, *uxori*; note-se que na 4.^a linha ainda o autor da inscrição terá elidido *h(oc) m(omumentum)*.

A restituição da 3.^a linha subordinou-se ao facto de que o grupo ...*ceitus* não se pode lexicologicamente incluir na língua latina (se tivéssemos uma evolução de ...*ceptus* — de *cum* + *ceptus*, v.g., — encontrávamo-nos diante dum anacronismo sem sentido...). A preferência pelo antropónimo primitivo *Anceitus* foi unicamente motivada por ser um elemento onomástico já conhecido e por apresentar uma concordância geográfica.

O antropónimo *Anceitus* pertence a uma família onomástica conhecida na faixa ocidental interior da Península Ibérica, Lusitânia Central e norte da Tarraconense; esta inscrição será entre todas que o incluem, a que se situará, quanto a proveniência, mais a sul.

Sob a forma *Anceitus* (provavelmente a mais genuína quanto à primitividade), este antropónimo só está atestado em território por-

tuguês onde apareceram inscrições, referindo-o, na Egitânia ⁽¹⁰⁾ e em Vale do Cano, Marvão, (forma em genitivo) ⁽¹¹⁾.

A mesma forma, sonorizada, *Angeitus* (também em genitivo, *Angeiti*) apareceu em Villar, Cáceres ⁽¹²⁾; Scarlat Lambrino requeria para ela, como nominativo, *Angeitius* ⁽¹³⁾.

Ancetus e *Angetus* parecem-nos formas mais desgastadas que as anteriores; pensamos contrariamente a M^a Lourdes Albertos Firmat que nota infecção, seja o conjunto de fenómenos de palatalização, labialização, metafonia e epêntese que ocorre particularmente no céltico, nas formas *Anceitus* e *Angeitus* ⁽¹⁴⁾. *Ancetus* encontra-se numa inscrição proveniente de Salvatierra, Trujillo ⁽¹⁵⁾; *Angetus* numa inscrição de Abertura, Trujillo ⁽¹⁶⁾ e ainda, (em genitivo também), fora da Hispânia, numa inscrição de Herzegovínia, Dalmácia, referente a um soldado peninsular de uma cohorte galega: *Rufus Angeti f(ilius) mil(es) coh(ortis) I Luc(ensium)* ⁽¹⁷⁾; Scarlat Lambrino pressupôs para esta inscrição, como nominativo de *Angeti*, a forma *Angetius* ⁽¹⁸⁾.

Finalmente a forma *Ancetolus*, cuja estrutura caracteriza um diminutivo que terá passado por *Ancetulus*, encontra-se numa ara consagrada a *Navia* procedente da Galiza ⁽¹⁹⁾.

⁽¹⁰⁾ Scarlat Lambrino, «Les Inscriptions Latines Inédites du Musée Leite de Vasconcelos» in *O Arqueólogo Português*, Nova Série, Lisboa 1955, pp. 30-33; D. Fernando de Almeida, *Egitânia, História e Arqueologia*, Lisboa 1956, pp. 179-180.

⁽¹¹⁾ Afonso do Paço e D. Fernando de Almeida, «Duas inscrições romanas inéditas do Museu de Marvão», in *Revista de Guimarães*, LXXII, Guimarães, 1962, pp. 147-149.

⁽¹²⁾ *C. I. L.* II, n.º 833.

⁽¹³⁾ Lambrino, *op. cit.*, p. 30.

⁽¹⁴⁾ M^a Lourdes Albertos Firmat, *La Onomástica Personal Primitiva de Hispânia, Tarraconense e Bética*, Theses et Studia Philologica Salmanticensis — XIII, C. S. I. C., Salamanca, 1966, p. 26.

⁽¹⁵⁾ Manuel Palomar Lapesa, *La Onomástica Personal Pré-Latina de la Antigua Lusitania*, Theses et Studia Philologica Salmanticensis — X, C. S. I. C., Salamanca 1957, p. 34

⁽¹⁶⁾ *Hispania Antiqua Epigraphica*, 4/5, C. S. I. C., Madrid 1953/1954, 767, estudada em M^a Lourdes Albertos *La Onomástica ...*, p. 25.

⁽¹⁷⁾ *C. I. L.* III, n.º 8492.

⁽¹⁸⁾ Lambrino, *op. cit.*, pp. 30-31.

⁽¹⁹⁾ J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitania*, III, Lisboa 1913, p. 205.

M^a Lourdes Albertos ao estudar o forma *A.n.cu.s* ⁽²⁰⁾, recordando a sua presença nos *Monumenta Linguae Ibericae* ⁽²¹⁾, de E. Hübner (Berlim, 1893), explica, claramente, a natureza indo-europeia do radical ank-, atestado no grego ἄγκων e, no itálico, no nome do rei Ancus Martius, articulando ainda com as formas latinas *anculus* e *ancilla*. A noção de «dobrado, «cotovelo», «braço encurvado» cabe perfeitamente, e sobretudo como radical, dentro das linhas de caracterização por adjectivação que deviam ser muito comuns na onomástica primitiva.

A palavra portuguesa *anquilo*se tem na sua base o mesmo radical e certamente chegou até nós por tradução do francês, já erudito, *ankylose* ⁽²²⁾.

Esperamos que novos achados do período romano neste concelho o venham a caracterizar melhor; pois que para tal, assim como a anterior investigação da romanização na área de Ourique, este fragmento epigráfico, mencionando um antropónimo celtizado (?), isoladamente pouco significará ⁽²³⁾.

R É S U M É

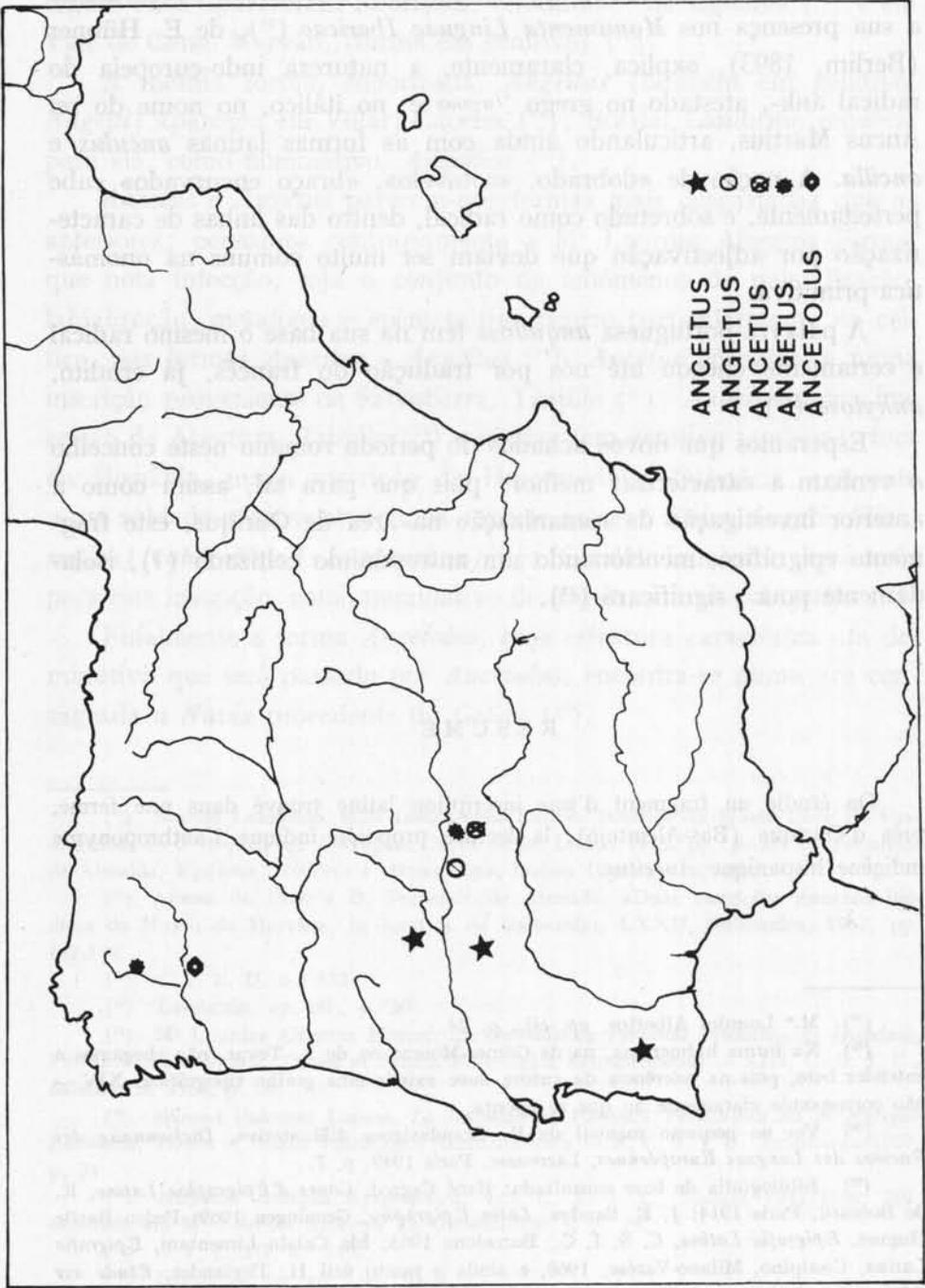
On étudie un fragment d'une inscription latine trouvé dans une ferme, près d'Ourique (Bas-Alemtejo); la lecture proposée indique l'anthroponyme indigène hispanique *Anceitus*.

⁽²⁰⁾ M.^a Lourdes Albertos, *op. cit.*, p. 24.

⁽²¹⁾ Na forma hubneriana, na de Gómez-Moreno ou de A. Tovar, não chegámos a entender bem, pois na referência da autora deve existir uma gralha tipográfica. XIV — não corresponde claramente ao que se aponta.

⁽²²⁾ Ver no pequeno manual de R. Grandsaignes d'Hauterive, *Dictionnaire des Racines des Langues Européennes*, Larrousse, Paris 1949, p. 7.

⁽²³⁾ Bibliografia de base consultada: René Cagnat, *Cours d'Épigraphie Latine*, E. de Boccard, Paris 1914; J. E. Sandys, *Latin Epigraphy*, Groningen 1969; Pedro Batlle Huguet, *Epigrafia Latina*, C. S. I. C., Barcelona 1963; Ida Calabi Limentani, *Epigrafia Latina*, Cisalpino, Milano-Varése, 1968, e ainda o muito útil H. Thylander, *Étude sur l'épigraphie latine*, Acta Instituti Regni Sueciae, 8.º V., 1952.



A Hispânia e o antropónimo *Anceitus* (incluindo formas da mesma família onomástica)